

# Transição demográfica: novas evidências, velhos desafios\*

Nelde Patarra\*\*

*A mudança na estrutura etária faz emergir como questão social a "terceira idade", com implicações significativas para os sistemas de saúde e previdenciários das sociedades envolvidas, além de vir acompanhada de outras questões ainda não resolvidas, tais como a da mortalidade e da morbidade.*

Há aproximadamente 20 anos, justamente numa década de produção intensa e inovadora da Demografia na América Latina, era pertinente a questão: seria a transição demográfica uma síntese histórica ou uma teoria populacional? Transcorridas duas décadas de expressiva acumulação de evidências empíricas sobre características e tendências da mortalidade e fecundidade nas sociedades latino-americanas, parece que essa questão continua relevante, assumindo, porém, novos contornos (1).

Este artigo se propõe a discutir algumas dimensões, posturas, proposições teóricas e evidências relacionadas à questão, com o objetivo de contribuir para um debate considerado bastante oportuno neste momento, na confluência de uma ordem internacional em profunda

reestruturação e com uma dinâmica demográfica em rápida transformação.

Desde o início, contudo, convém esclarecer que não se trata, aqui, da busca de uma teoria geral da transição demográfica, tarefa temerária e possivelmente pouco produtiva. Procurar-se-á ressaltar o poder cognitivo da reconstrução de séries históricas - privilegiando-se, assim, a contribuição da transição demográfica como síntese -, bem como comentar algumas contribuições recentes para o entendimento das transformações demográficas deste século (2).

Parece conveniente, para fins de exposição, separar a linha de argumentação em duas partes: a primeira, considerando os avanços, comparações, alcance e limitações das reconstruções de séries históricas demográficas, resgatando sua

---

\* Com algumas alterações, este trabalho foi apresentado na sessão plenária IV, Problemas Teóricos-Metodológicos na Análise da Transição Demográfica, da IV Conferência Latino-Americana de População, México, março de 1993.

\*\* Professora do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO) desta Universidade.

contribuição para a explicação de mecanismos subjacentes e/ou intermediários às resultantes expressas nas séries construídas; a segunda, refletindo sobre alguns esforços de articulação entre os componentes da dinâmica demográfica e sua relação com dimensões sócio-econômicas, culturais e políticas, a fim de evidenciar mecanismos explicativos da evolução (e principalmente transição) da dinâmica demográfica nos países latino-americanos.

### Antecedentes

Quando nos debruçamos sobre a produção recente a respeito da transição demográfica, tanto na América Latina como em nível internacional, sentimos como a prática demográfica ainda se resente do efeito de suas raízes. Advinda, de um lado, da necessidade de contar (contar os nascimentos, contar as mortes, contar os guerreiros, contar os tributáveis, contar o tempo de vida dos contados) e, por outro lado, imersa na discussão sobre o advento do capitalismo - crescimento populacional *versus* organização social -, a Demografia evolui marcada pelo esforço de fundir ordens de fenômenos tão diversos. Essa tensão é nítida na clássica distinção entre análise demográfica e estudos populacionais (Hauser e Duncan, 1959), proposta que se contrapunha a si mesma ao tentar resgatar a Demografia como disciplina científica autônoma. Afinal, onde se situaria o paradigma explicativo da Demografia? Na relação entre as variáveis internas à sua dinâmica ou na articulação entre estas e as variáveis sócio-econômicas, culturais, políticas etc.? Além disso, a vertente Aritmética Política da Demografia nos lega uma definição lógico-abstrata de população: entidade coletiva, referida a um espaço físico, na qual o indivíduo entra pelo nascimento ou imigração e sai pela morte ou emigração, depois de aí permanecer pelo transcorrer da vida ou

duração do tempo de permanência como migrante. Essa entidade coletiva, assim, mantém-se por meio de eventos vitais (únicos e com uma inequívoca dimensão biológica) e eventos essencialmente sociais (deslocamentos no espaço), o que nos leva a indagar: é possível que o mesmo paradigma explicativo possa dar conta de fenômenos de naturezas tão distintas (3)?

As soluções para essas tensões básicas assumiram feições distintas mas capazes de fortalecer a Demografia como uma disciplina específica, com métodos e procedimentos próprios, cortes temáticos oportunos e apreciável acúmulo de conhecimento. De modo geral, predominou o desenvolvimento relativamente autônomo das "demografias especializadas". O estudo de cada componente da dinâmica populacional produziu suas próprias características e procedimentos, articulando-se distintamente com as Ciências Sociais (4); foram expressivos os avanços na mensuração e na construção de modelos sofisticados de análise. Menores foram, contudo, os avanços teórico-explicativos ancorados nas interdisciplinaridades específicas que foram se desenvolvendo. Quando se trata, porém, de uma reflexão sobre a transição demográfica, as tensões básicas tornam-se mais evidentes, tanto pela interligação implícita entre os componentes da dinâmica demográfica que se expressam na sua formulação, como pela dificuldade de se associar, em uma perspectiva temporal longa, os níveis e tendências demográficas às dimensões explicativas no contexto social em que se processam.

### Repensando a transição demográfica como síntese histórica

A simples visualização gráfica da evolução demográfica em longas seqüências temporais é bastante sugestiva e fornece elementos cognitivos importantes. A comparação de gráficos suscita

questões relevantes como duração, etapas, níveis, regularidades e diferenças. Mesmo com dados fragmentários e de cobertura limitada, como é o caso das informações disponíveis para os países latino-americanos, a reconstrução de praticamente cem anos de evolução demográfica constitui referencial imprescindível a um entendimento da dinâmica das populações, suas especificidades e suas semelhanças com a evolução das populações européias e de outros países e regiões. A historicidade implícita a essa modulação das tendências demográficas é elemento importante para o equacionamento das questões populacionais e para o entendimento de como essas questões se modificam ao longo do tempo (5). A fim de facilitar a argumentação a respeito dos aspectos cognitivos mais expressivos, poder-se-á considerar: aspectos referentes à duração das transições demográficas em distintos contextos históricos; aspectos relativos à configuração de etapas, seqüências e tipos de transição; e, finalmente, aspectos referentes à configuração de questões demográficas específicas a cada etapa, em cada contexto histórico.

#### *Duração ou timing das transições*

É possível afirmar que há hoje um relativo consenso quanto à constatação de que todos os países da América Latina e Caribe já estão envolvidos no processo de transição demográfica. Já não é unívoca, no entanto, a opinião quanto ao seu início. Na literatura atual ainda persiste uma forte tendência a identificar o declínio da fecundidade dos últimos 20 anos com a própria transição, principalmente quando se trata da vertente que analisa a transição demográfica sob a ótica da fecundidade, ou a situar o fenômeno a partir dos anos 50, quando por transição é compreendida também a evolução da mortalidade.

O corte temporal significa, sem dúvida, amplitudes distintas do poder cognitivo das séries históricas. De um ponto de vista quantitativo, e para simplificações analíticas, os anos 50 são expressivos como marcos de uma mudança global de níveis e tendências. A adoção desse corte, no entanto, implica o desconhecimento de oscilações e movimentos importantes, reforçando a idéia de estabilidade anterior, ressaltada nas formulações clássicas da transição demográfica. Apenas para exemplificar, reconhece-se a importância da imigração estrangeira para a precocidade da Argentina e Uruguai no processo de transição (Pantelides, 1990); também no caso brasileiro é importante a influência italiana em algumas áreas desde fins do século passado (6). Sabe-se, por outro lado, da ocorrência de um declínio precoce da natalidade nos anos 30 em vários países latino-americanos (Patarra, 1976, cap. II). A contribuição da Demografia Histórica ampliou o conhecimento de situações concretas que lançam novos desafios explicativos sobre o período chamado pré-transicional (ABEP/IUSSP/Celade, 1990). Sabe-se, ademais, que em muitas situações a mortalidade já evidenciava tendência declinante desde fins do século passado ou início deste. Não se trata de postular, aqui, um corte temporal único para todos os países, mas apenas de ressaltar que a reconstrução de etapas anteriores aos anos 50 constitui potencial extremamente importante para o esforço explicativo das articulações entre a dinâmica demográfica e a dinâmica sócio-econômica das sociedades latino-americanas.

Por outro lado, a generalização da transição demográfica para um número crescente de países, independentemente de seu desenvolvimento econômico, vem reforçando a idéia da velocidade maior dessa transição quanto mais tarde ela se inicie. Não está suficientemente claro, no entanto, se a velocidade é maior ou se os patamares mais elevados das transições mais recentes resultam em reduções

mais drásticas das taxas em curtos espaços de tempo. Já em 1977, Chesnay, por exemplo, propunha uma tipologia baseada em taxas de crescimento e duração da transição (Chesnay, 1977). De acordo com essa tipologia, os países em desenvolvimento caracterizam-se por altas taxas de crescimento (de 2% a 4% a.a.) e por uma duração da transição entre 40 e 80 anos. Considerando-se as projeções do Celade e o ponto de partida em 1950 (Chakiel e Martinez, 1992), os países latino-americanos estariam completando suas respectivas transições ao redor do ano 2025, o que significa, aproximadamente, 75 anos no total. Ora, esse espaço de tempo não está tão distante dos preconizados 20 a 90 anos de duração para os países do modelo europeu meridional, ou mesmo dos cem anos de duração para os países do modelo europeu ocidental, na classificação do autor. No entanto, é extraordinária a mudança de níveis, em curto espaço de tempo, quando se constata, por exemplo, que nos últimos 30 anos a taxa global de fecundidade passou de seis a aproximadamente três filhos por mulher, em média, no conjunto de países da América Latina e Caribe.

Além disso, a questão da demarcação do início da transição demográfica vem adquirindo importância para outro tema emergente, qual seja, o da relação entre dinâmica demográfica e crise econômica. Nesse sentido, a tentativa de separar oscilações de curto prazo dos efeitos de longo prazo parece ser bastante promissora, assim como é de interesse averiguar se os efeitos da atual recessão dos anos 80 sobre as variáveis demográficas assemelham-se ou distinguem-se de outros momentos de crise nas sociedades latino-americanas e do Caribe (7).

#### *Etapas, seqüências e tipos*

Em todas as suas versões, a transição demográfica é apresentada em eta-

pas, normalmente referidas a países (ou agrupamentos regionais de países) e com referência básica à evolução da mortalidade, da natalidade e ao crescimento demográfico. Para o caso da América Latina e Caribe é proposta a seguinte classificação, baseada no tempo de transição transcorrido: *países de transição avançada* (Argentina, Cuba, Chile, Uruguai); *países em plena transição* (Costa Rica, Panamá, Venezuela, Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru, República Dominicana); *países de transição moderada* (Paraguai, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua) e *países de transição incipiente* (Bolívia e Haiti).

Esse tipo de agrupamento, por si, já sugere algumas considerações a ser exploradas. Em primeiro lugar, quanto à própria duração da transição e às características que daí decorrem, uma vez que se trata de declínios que se processam em momentos históricos distintos nos países em questão e na região em seu conjunto. Em segundo lugar, permite explorar a idéia de convergência, na medida em que, sucessivamente, os distintos países vão apresentando mudanças demográficas, apesar da grande diversidade de suas respectivas características econômicas e culturais e dos distintos níveis de vida de suas populações. A hipótese da convergência, como veremos a seguir, é bastante discutível enquanto explicação das transformações ocorridas, mas não se pode negar que as taxas, resultantes possivelmente de processos sociais distintos, tendem, a longo prazo, a convergir. Em terceiro lugar, essa classificação reforça a dimensão generalizadora da transição, permitindo uma visão prospectiva, antecipando implicações e conseqüências das etapas finais das transições latino-americanas.

No que se refere à seqüência de etapas, por sua vez, permanece a questão da antecedência do declínio da mortalidade sobre o declínio da fecundidade. Chesnay (1986) é enfático ao generalizar esse caminho para todas as sociedades,

sendo as exceções devidas apenas a lacunas ou à qualidade das informações; a especificidade das transições é advinda dos níveis e da velocidade do declínio da mortalidade. A mortalidade é, portanto, de acordo com o autor, a variável chave e endógena ao modelo de transição demográfica e, também, a responsável pelo aumento da fecundidade imediatamente posterior, presente em um considerável número de casos.

Essa generalização contrapõe-se à de outros autores como Coale (1973), para quem é impossível a generalização do declínio da mortalidade precedendo o da fecundidade, uma vez que, em alguns casos, eles foram sincrônicos e, em outros, o declínio da fecundidade antecedeu o declínio da mortalidade infantil. Levine (1977) também não endossa a idéia de anterioridade do declínio da mortalidade, nem aceita que o aumento da fecundidade no período pré-declínio seja apenas o efeito dos novos padrões de mortalidade. Essa questão, ainda em aberto, merece aprofundamento com estudos, na verdade pouco freqüentes, a respeito das relações entre fecundidade e mortalidade ao longo de um tempo considerável. No caso da América Latina e Caribe, como já foi indicado, há algumas evidências no sentido de alterações ou mesmo de padrões distintos de fecundidade, que oscilam ou diminuem no período pré-transicional.

A duração, seqüência, velocidade e nível das taxas suscitam, com relativa freqüência, o procedimento tipológico. Essa tendência, reforçada pelo avanço e acúmulo de conhecimentos mais desagregados, tanto para os países desenvolvidos como no caso dos países pobres, propicia a comparação entre ambas as situações.

Na tentativa de sumariar comparativamente as experiências dos países europeus e as dos países latino-americanos encontramos, sem dúvida, aspectos semelhantes e diferenças significativas. As semelhanças dão-se em níveis muito

mais gerais e seu poder cognitivo só se aplica para respaldar uma vaga generalização e para discussões quanto à duração, seqüência e níveis agregados das variáveis demográficas. Como veremos adiante, qualquer esforço explicativo teria de aprofundar justamente as diferenças, questão complexa mas fundamental no esforço interpretativo. Nesse sentido, é bastante sugestiva a proposta de Zavala de Cosio (1990). Esta autora propõe dois tipos de transição demográfica: o primeiro, baseado nos países europeus - que chegaram à "segunda revolução contraceptiva" -, que se propagaria por difusão, e um outro - em que a fecundidade se reduz com programas de planejamento familiar -, replicando, nos padrões demográficos, a dualidade econômico-social da América Latina. Em primeiro lugar, a idéia da concomitância interna, nas sociedades latino-americanas, de fenômenos que se processaram em distintos momentos no caso dos países ricos é bastante interessante; no entanto, talvez não seja conveniente, em se tratando da transição demográfica, ancorar a tipologia apenas nas características das etapas de declínio da fecundidade. Em segundo lugar, não parece estar tão claro o papel do planejamento familiar no declínio recente da fecundidade nesses países. Por último, os países europeus também atravessaram as etapas da transição com nítidas especificidades entre eles e, internamente, entre os grupos sociais envolvidos na mudança. Corre-se o risco de, ao tipologizar, perder-se a historicidade da própria concepção da transição.

#### *A configuração das questões demográficas*

O modelo de transição demográfica, com suas etapas, seqüências, níveis e duração, representa, como vem sendo apontado, um potencial cognitivo de importância, sintetizando o conhecimento acumulado, pistas para a formulação de

hipóteses explicativas, identificação de lacunas, subsídios metodológicos sobre a escala de observação, temporalidade, seqüências e influências de variações próximas ou mediatas. Há, no entanto, um outro aspecto metodológico aparentemente pouco explorado. Trata-se da reflexão sobre a configuração de questões demográficas específicas, emergentes em cada etapa da transição e distintas por se realizarem em distintos momentos históricos. O que esse veio de reflexão permite é a busca da *configuração, permanência e transformação de padrões demográficos*. Assim, sabe-se que as etapas iniciais do processo de transição caracterizam-se pela configuração de *diferenciais* - inicialmente, por hipótese, diferenciais de mortalidade e, posteriormente, diferenciais de fecundidade. De fato, os declínios (sucessivos ou concomitantes) atingem inicialmente determinados grupos sociais (diferenciais urbano-rurais, ocupacionais, de classe social, por nível de escolarização etc.). A fim de estudar os diferenciais, vários procedimentos metodológicos foram desenvolvidos, assim como considerável parcela do esforço explicativo, independentemente do referencial teórico adotado, esteve voltada para esse tipo de constatação. No entanto, à medida que o processo avança, tendencialmente o enfoque dos diferenciais vai cedendo espaço para uma reflexão a respeito da *tendência à homogeneização*, característica do próprio modelo de transição. Pouco a pouco, os padrões de determinados grupos sociais vão se propagando para contingentes populacionais crescentes; se assim não fosse, a própria transição seria negada, pois não se passaria a uma "nova etapa de equilíbrio" a níveis baixos e controlados das taxas demográficas e a níveis estáveis de reprodução. No entanto, é comum analisar-se a tendência à homogeneização sob a mesma ótica dos diferenciais, com o mesmo aparato metodológico e sem uma incursão teórica própria que permita operacionalizar a confi-

guração de novos padrões. Com raras exceções.

Será que se pode tratar esses distintos momentos do processo com os mesmos paradigmas e com o mesmo esquema conceitual? Ou, ao contrário, cada etapa deverá ser pensada inserida num conjunto distinto de dimensões explicativas, desde os chamados determinantes próximos, passando pelas instâncias mediadoras e pelo papel desempenhado pelas diferentes instituições sociais, até o esforço globalizante de se articular o movimento demográfico com a dinâmica macrossocial? Assim, em uma dada sociedade, o papel do "econômico" pode ser decisivo em uma etapa, conquanto, em outra, o preponderante seja o "político". As instituições significativas podem também ser distintas, uma vez que, em determinados momentos, a Igreja, a educação ou as políticas sociais podem desempenhar papéis totalmente diferentes. Por outro lado, e como já referido, as transições processam-se em distintos momentos históricos, o que propicia distintas articulações entre essas instâncias institucionais. Uma coisa, por exemplo, é o declínio da fecundidade no período desenvolvimentista da América Latina; outra coisa é esse declínio no momento de internacionalização da economia.

Por outro lado, a idéia da passagem de um "equilíbrio" pré-transicional a outro, pós-transicional, é bastante discutível, a menos que por "equilíbrio" entenda-se, estritamente, uma estrutura etária estável. De qualquer modo, é inegável que a transição se processa com alterações nas estruturas etárias das populações envolvidas, alterações essas tão mais acentuadas quanto mais rápida a velocidade (ou mais elevados os níveis) da mudança. Já nos anos 60 era apontada a ausência de interação entre movimentos e estruturas demográficas nas concepções clássicas da transição demográfica; a partir de simulações, pode-se verificar como a evolução das taxas de fecundida-

de e mortalidade influencia a estrutura por idade, e como esta, por sua vez, atua no crescimento da população (Schwartz, 1968).

Nos países latino-americanos, o ritmo do declínio tem evidenciado a questão da alteração na estrutura etária e suas implicações. Na verdade, a questão demográfica básica dos anos 60 e 70 era o crescimento populacional ocasionado por um declínio acentuado da mortalidade, principalmente nas idades mais jovens, e a manutenção de níveis elevados de fecundidade. Tanto na vertente neomalthusiana como na vertente dialética, a questão do crescimento da população, configurando, para uns, uma "explosão demográfica" capaz de obstaculizar os esforços no sentido do desenvolvimento, e para outros, evidenciando que o próprio desenvolvimento poderia se beneficiar desse crescimento, sendo o problema real a questão da mudança econômica estrutural. Hoje, a não ser em casos isolados, e freqüentemente com pouca base técnica especializada, já não se identifica a questão do crescimento como questão populacional central nos países latino-americanos (8); discute-se o ritmo e as características do declínio da fecundidade e a estrutura etária em mudança, configurando um novo perfil de demandas sociais. Nesse sentido, ressalta-se a "inércia demográfica" no efeito intergeracional da mudança e o *timing* inexorável da passagem gradativa dos efeitos aos grupos etários sucessivos. O declínio da fecundidade atravessa uma etapa na qual as mulheres, embora reproduzindo a níveis significativamente mais baixos, têm como resultante um número absoluto de nascimentos ainda elevado, pois constituem um grupo etário relativamente maior em função das tendências passadas de mortalidade e da própria fecundidade.

É interessante retomar as já mencionadas projeções elaboradas pelo Cede e considerar as características distintas dos países no momento de atingir o

nível de reposição. Tanto as estruturas etárias como os ritmos de crescimento persistirão com uma variabilidade considerável. O alto potencial de crescimento implica uma estrutura etária relativamente jovem (com predominância dos grupos etários em idade reprodutiva e em idade de trabalhar), dando prosseguimento à chamada heterogeneidade demográfica - já presente nestas últimas décadas - e mantendo taxa de crescimento populacional, para os países de transição demográfica mais atrasada, acima de 1% a.a. (Chackiel e Martinez, 1992). O autor toma como exemplo o caso da Bolívia, que terá uma fecundidade semelhante à da Argentina, mas com um ritmo de crescimento duas vezes maior, por efeito da inércia das estruturas por idade das populações em questão.

O papel da inércia demográfica e dos efeitos da estrutura demográfica sobre sua dinâmica, e vice-versa, parecem constituir não só um caminho promissor, mas imprescindível antes que análises interdisciplinares elaborem esquemas explicativos vinculando a dinâmica demográfica à dinâmica social. Trata-se, na verdade, de tentar ampliar a pouca utilizada noção de *metabolismo demográfico*, cuja origem, na biologia e na fisiologia, significa "[...] um processo de renovação ou de substituição, através de incrementos e decrementos, pelo qual uma população vai sendo modificada, ao longo do tempo, em seu tamanho e estrutura" (Berquó, 1991: 26). Já se mencionou, anteriormente, a questão da estrutura etária na fase transitória, cuja alteração se acentua com o deslanchar do declínio da fecundidade. Sob risco de redundância, talvez não seja demasiado enfatizar que possivelmente aí se situa uma das questões demográficas básicas nas sociedades latino-americanas, nesta e nas próximas décadas, com importantes decorrências para a discussão atual sobre políticas de população. É preciso considerar não só que mudanças nos níveis de fecundidade e de mortalidade afetam o

tamanho das coortes e, portanto, o crescimento populacional e vice-versa, mas também que os efeitos dos índices de nupcialidade sobre esse crescimento, através de mudanças no tamanho das coortes de nascimentos, acabam por afetar os índices de casamentos. É preciso também considerar que o crescimento da "terceira idade" é o saldo entre perdas e ganhos, entre os que entram nesta faixa pelo aumento da longevidade e os que dela saem, ainda por conta dos padrões de mortalidade vigentes. Esses exemplos ilustram e reforçam a importância de, na medida do possível, se "[...] isolar o que é o resultado direto de movimentos e inércias demográficas, provocadas por mecanismos ou forças decorrentes da própria estrutura e volume da população, antes de adjudicar mudanças a determinantes de outras índoles" (Berquó, 1991: 26).

A mudança na estrutura etária e o aumento da longevidade fazem emergir como questão social a "terceira idade", com implicações significativas, entre outras dimensões, para os sistemas de saúde e previdenciários das sociedades envolvidas. No caso da maior parte dos países latino-americanos, sua emergência é concomitante a outras questões, ainda não resolvidas, de mortalidade e morbidade, configurando um desafio a mais no contexto de crises econômicas e de reordenamento das relações internacionais.

A historicidade e o *timing* da transição demográfica na América Latina também constituem base empírica suficiente para contrapor o argumento neomalthusiano de associação entre crescimento populacional e pobreza. Na verdade, essas últimas décadas de declínio da fecundidade não foram acompanhadas de uma melhoria nas condições de vida dos grupos sociais envolvidos; ao contrário, coincidiram com o final da perspectiva desenvolvimentista, com o Estado deficitário e o aprofundamento das desigualdades sociais.

### Transição demográfica e teorias de população

A reconstrução de séries históricas, mais ou menos longas, das taxas demográficas constitui, como vem sendo mencionado neste texto, um referencial fecundo para a descrição e análise da dinâmica demográfica, suas oscilações e tendências, gerando pistas fundamentais para o avanço de um esforço explicativo sobre a dinâmica demográfica na América Latina e Caribe. No entanto, se por explicação entende-se uma reconstrução compreensiva de um fenômeno social em transformação, pode-se dizer que avançamos pouco na última década e que temos ainda um longo caminho a percorrer. Na verdade, como tem sido apontado, os anos 70 foram marcados, em nosso meio científico, por uma produção demográfica intensa, envolvida em acalorado debate político-ideológico e caracterizada por uma forte preocupação teórica e globalizante. A busca das raízes das questões demográficas e de sua inclusão como preocupação legítima nas diversas linhas de interpretação marxista dos fenômenos sociais ampliou sobremaneira o objeto (ou os objetos) de estudo da disciplina Demografia (9).

O exemplo mais contundente dessa característica dos estudos populacionais na América Latina foi o caminho percorrido pelas análises da fecundidade. Ampliando-se sucessivamente o objeto de estudo, passou-se a incorporar os conceitos de comportamento reprodutivo, família, reprodução nas classes sociais, reprodução das classes sociais, reprodução das relações sociais, numa seqüência encadeada de articulações teóricas que conduziam, no limite, à necessidade de construção de uma teoria geral da dinâmica das sociedades latino-americanas desenvolvidas, antes de se poder avançar na explicação do fenômeno em questão, ou seja, a fecundidade diferencial predominante naquele momento (10). Essa linha de reflexão, essencial-



mente teórica, pouco ou insuficientemente ancorada nos dados - mesmo porque, de difícil comprovação empírica -, gerou a idéia dos "túneis paralelos" de explicação, que nunca se encontravam (11).

O prosseguimento desse tipo de proposição, se continuado, poderia constituir ameaça ao "núcleo duro" da disciplina (12), pois esta correria o risco de se descaracterizar e perder seu *core* específico. Talvez por isso mesmo, já naquele momento, aos debates, críticas e discussões internas à comunidade de especialistas contrapunham-se outros procedimentos, entre os quais as próprias formulações a respeito do papel das instituições, das ideologias, das instâncias mediadoras, entre outras. O próprio conceito de estratégias de sobrevivência, bastante debatido e criticado, significava a busca de mecanismos que articulassem as determinações macrossociais ao comportamento individual, tentando evitar explicações mecanicistas.

Por uma série de fatores institucionais e políticos que envolveram a prática da Demografia nos anos subseqüentes, a década de 80 significou uma mudança na intensidade e nas características da produção latino-americana. As questões populacionais foram perdendo prioridade nas agendas de financiamento. As sociedades latino-americanas, distantes do período desenvolvimentista, passaram a exibir com mais vigor os efeitos das crises política e econômica e do período de recessão. A própria dinâmica demográfica, sem dúvida, passou a significar uma das dimensões dessa conjuntura social, associando o nítido declínio nas taxas de fecundidade (e de crescimento populacional) ao aumento e extensão da pobreza e da miséria.

Há de se considerar, por outro lado, que a produção científica também foi caracterizada por um acervo muito maior de informações (principalmente no que se refere à fecundidade, mediante os *surveys* realizados) e por procedimentos mais refinados de mensuração e análise.

Levou-se mais em conta (ou recuperou-se) as dimensões biológicas dos fenômenos demográficos; reforçou-se a análise dos determinantes próximos da fecundidade e da mortalidade; incorporou-se dimensões significativas atuando ao nível do indivíduo. No conjunto da produção científica predominou o resultado do trabalho das "demografias específicas": não só cada componente da dinâmica demográfica evoluiu com procedimentos próprios, como também certos cortes temáticos ganharam força. É o caso, entre outros, da questão da saúde reprodutiva da terceira idade, da questão da raça ou etnia, de toda a discussão sobre as características da mortalidade, também sintetizada no que se convencionou chamar de transição epidemiológica. Houve, finalmente, um contato e uma integração maior com a comunidade internacional.

Esse movimento "pendular" da produção científica significou um avanço considerável na descrição e análise de fenômenos demográficos relevantes. Pouco se avançou, contudo, em termos da reconstrução de mecanismos e processos explicativos, ou seja, em termos de um esforço teórico sistematizado. Em alguns casos, inclusive, no movimento de resgate da especificidade demográfica e no esforço de recuperar procedimentos metodológicos e de mensuração, a produção latino-americana tendeu a identificar explicação apenas à mensuração da relação entre variáveis independentes e variáveis dependentes em modelos de regressão múltipla, repetindo, embora com maior sofisticação e mais evidências empíricas, procedimentos criticados na etapa crítica dos anos 70 (13).

Também no debate internacional esse tipo de procedimento tem sido objeto de críticas, algumas até contundentes. Szreter, por exemplo, afirma que a metodologia estatística de associações ecológicas, característica da demografia quantitativa, não é uma metodologia que permita um estudo rigoroso de causação, num sentido histórico e determinístico;

para o autor, o estudo da fecundidade no período pós-guerra tendeu a caracterizar-se "por um esquema conceitual intrinsecamente incapaz de gerar hipóteses empiricamente refutáveis no que concerne às fontes de mudanças" (Szreter, 1993: 685). Ademais, a versão "modernizada" da teoria da transição demográfica passou a ser conceitualmente indeterminada e não pode gerar hipóteses claras e testáveis no que se refere às causas específicas da mudança na fecundidade (*idem*: 686).

É interessante notar que esse mesmo autor, acompanhado por Hodson (1983 e 1988) e Demeny (1988), enfatiza a existência de uma tensão na Demografia entre, de um lado, os objetivos políticos de assessorar e influenciar o curso dos acontecimentos e, de outro, o paciente objetivo "científico" de buscar explicações mais aprofundadas e comprováveis.

No entanto, e de maneira aparentemente paradoxal, essa inflexão na Demografia coexiste no plano internacional com uma expressiva produção histórica, que reconstrói com detalhes situações concretas, iluminando os mecanismos e inter-relações capazes de fazer avançar a dimensão explicativa da evolução demográfica em períodos recentes.

Minuciosas reconstruções históricas a respeito da transição europeia ampliam significativamente o escopo da dis-

ciplina e o conhecimento a respeito do papel da população na emergência e expansão do capitalismo. Além de desvendar mecanismos explicativos em períodos marcados por mudanças nas relações de produção, essas abordagens contemplam as múltiplas determinações das transformações ocorridas nos séculos XVII e XVIII, que envolveram as relações entre dinâmica demográfica e dinâmica capitalista tanto no núcleo como na periferia do desenvolvimento internacional do capitalismo e, assim, marcaram a etapa pré-transicional das sociedades latino-americanas (14). O já citado estudo de Levine, por exemplo, constitui uma brilhante reconstrução de mecanismos de articulação entre as variáveis demográficas, aí incluídas, também, a migração e as relações sociais de produção no período da proto-industrialização na Inglaterra.

Em se tratando de transição (ou transições) demográfica(s) enquanto teoria populacional (Patarra e Oliveira, 1988), não resta dúvida de que essa linha de pesquisa é imprescindível, mesmo com todas as dificuldades que ela possa representar na prática científica latino-americana. Nesse sentido, a incorporação das contribuições da Demografia Histórica ao estudo da etapa contemporânea constitui um caminho promissor e fundamental.

## Notas

(1) Apenas para retomar o referencial, a idéia de que as populações tendem a passar por certas etapas de crescimento demográfico, determinadas pela evolução da natalidade e da mortalidade, já estava implícita na teoria da função logística desenvolvida por Verhust (1847) e foi retomada por Landry (1909) e outros autores ainda na primeira metade deste século. Nessas formulações já estava presente o conceito de transição demográfica como a passagem de um estado de equilíbrio caracteri-

zado por níveis elevados de fecundidade e mortalidade a um outro estado de equilíbrio, com níveis mais baixos de mortalidade e fecundidade (Patarra e Ferreira, 1986). De uma forma mais elaborada, a "teoria" foi apresentada por Thompson (1929), ao que se seguiu uma série de artigos de Notestein (1945, 1948, 1950 e 1953) e a rerepresentação de Thompson (1948). As mesmas idéias, sempre incluindo etapas, também foram defendidas por Davies (1949), Blacker (1947) e Cowgill

- (1949). Nesses últimos trabalhos já se evidencia a inclusão da dinâmica demográfica dos países não-desenvolvidos e uma preocupação com a rapidez do declínio da mortalidade, gerando a "explosão demográfica", que justificaria as políticas de controle da natalidade. Um comentário crítico a essas posições, ressaltando o impasse entre teoria e/ou síntese histórica e suas implicações para as políticas populacionais dos países não-desenvolvidos, encontra-se em Patarra (1973).
- (2) Não se trata de um levantamento exaustivo da bibliografia, tarefa inexecutável no pouco tempo de preparação destas notas. Procurou-se, a partir, principalmente, de textos apresentados em congressos recentes, publicações especializadas e algumas coletâneas, captar contribuições significativas para a reflexão e o debate.
- (3) Essa discussão foi desenvolvida em Patarra (1980).
- (4) O estudo de cada componente da dinâmica demográfica assumiu características específicas. Os estudos sobre fecundidade, nupcialidade, família e reprodução desenvolveram-se desde cedo na trajetória das Ciências Sociais, particularmente na da Sociologia; os estudos da mortalidade imbricaram com os estudos da Medicina Social ou Saúde Pública; já os estudos sobre migração foram preponderantes na linha da Economia, clássica, neoclássica e contemporânea. Ver discussão em maior profundidade em, por exemplo, Patarra (1985).
- (5) É interessante ressaltar que, mesmo em um momento tão expressivo da produção latino-americana como a década de 70, foram poucos os estudos e análises de seqüências históricas. Mesmo com a predominância de enfoques com inspiração marxista, a produção voltou-se mais para estudos transversais ou de corte temporal bastante curto. Uma exceção, entre outras, mas de interesse teórico-metodológico, encontra-se em Benitez Zenteno (1982). É possível que essa característica tenha reforçado o distanciamento entre a chamada Demografia Histórica e a Demografia "Contemporânea". Contribuição importante no sentido da unicidade de enfoques encontra-se em ABEP/IUSSP/Celade (1990).
- (6) No caso de São Paulo, Brasil, observaram-se evoluções demográficas distintas, com efeitos precoces de declínio da natalidade, em áreas envolvidas na economia do café, e suas decorrências em termos de urbanização e estrutura familiar no sistema de colonato (ver Oliveira, 1988 e 1992; Baeninger, 1992). Na capital do estado, a influência da imigração internacional, particularmente da italiana, também se fez sentir, suscitando uma evolução demográfica com características específicas (Patarra, 1985; Patarra e Baeninger, 1988)
- (7) Veja, por exemplo, Hill e Palloni (1992). Uma conclusão interessante, entre outras, deste estudo é a de que a fecundidade e a nupcialidade são as dimensões que mais respondem às flutuações econômicas, mesmo antes do início da transição recente e ampla do continente. Esses autores sugerem, contudo, que a recessão dos anos 80 tem tido um efeito adverso na mortalidade de dois grupos não vulneráveis, quais sejam, homens do grupo etário 20-59 anos e homens de 60 anos e mais.
- (8) Por questões demográficas entende-se, aqui, certos aspectos populacionais que, em situações históricas determinadas, transformam-se em "problemas" para a sociedade, ou seja, constituem-se em objetos legítimos de discussões científicas e/ou alvos de ações (ou intervenções) por parte do poder público ou de entidades civis organizadas para alterar essas dimensões.
- (9) A produção latino-americana do período está publicada na chamada *Série Laranja* da Comissão de Población y Desarrollo da CLACSO, bem como nas publicações do PISPAL.
- (10) Comentários críticos a respeito dessas colocações encontram-se em Oliveira (1982a), bem como em Montali e Patarra (1982).
- (11) Essa avaliação crítica da produção latino-americana, que em muitos aspectos permanece válida, encontra-se em Mertens *et al.* (1982).

- (12) Conceito utilizado por Lakatus (1979) ao estabelecer sua proposta de programa de pesquisa.
- (13) Esse procedimento tem sido empregado, por exemplo, em algumas proposições da "hipótese da convergência" ou "teoria da difusão", em que alguns indicadores dos aspectos culturais são utilizados *vis-à-vis* indicadores sócio-econômicos em modelos quantitativos comparados em dois ou mais momentos no tempo.
- (14) Veja, entre outros, Tilly e Scott (1978), Wrigley e Schofield (1981), Tilly (1978) e Knodel (1988).

### Referências bibliográficas

- ABEP, IUSSP, CELADE. *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo, ABEP/IUSSP/Celade, 1990.
- BAENINGER, R. *População e espaço: movimentos migratórios e expansão da industrialização em São Paulo*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Campinas, IFCH/Unicamp, 1992.
- BENITEZ ZENTENO, R. "Sobrepoblación, subdesarrollo y políticas de población in México". In: CLACSO, *Reproducción de la población y desarrollo*, São Paulo, CLACSO, vol. 2, 1982.
- BERQUÓ, E. "Algumas questões para a demografia dos anos noventa". *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, ABEP, vol. 8, n. 1/2, jan.-dez., 1991, pp.55-60.
- BLACKER, C.P. "Stages in population growth". *The Eugenics Review*, vol. 39, n. 3, 1947, pp. 88-101.
- CHAKIEL, J. e MARTINEZ, J. *Transición demográfica en América Latina y el Caribe desde 1950*. Santiago, Celade, 1992.
- CHESNAY, J.C. *La transition démographique: étapes, formes, implications*. Paris, Institut d'Etudes Politiques, 1977.
- \_\_\_\_\_. "L'effet multiplicatif de la transition démographique". *Population*, n. 6, 1979.
- \_\_\_\_\_. "La théorie originelle de la transition démographique: validité et limites du modèle". In: ORSTON, *Les changements ou les transitions démographiques dans le monde contemporain en développement*, Paris, 1986, pp. 7-23.
- COALE, A. "The demographic transition". *Proceedings of the International Population Conference*, Liège, IUSSP, vol. 1, 1973, pp. 53-72.
- COWGILL, D.D. "Theory of population growth cycles". *The American Journal of Sociology*, setembro, 1949, pp. 163-70.
- DAVIES, K. "World population in transition". In: DAVIES, K., *Human Society*, New York, MacMillan, 1949, pp. 595-616.
- DEMENY, P. "Social science and population policy". *Population and Development Review*, vol. 14, n. 3, 1988, pp. 451-79.
- HAUSER, P.M. e DUNCAN, O.D. *The study of population*. Chicago, The University of Chicago Press, 1959.
- HILL, L. e PALLONI, A. "Demographic responses to economic shocks: the case of Latin America". *Anais da Conferencia sobre el Poblamiento de las Americas*, México, IUSSP, vol. 3, 1992.
- HODSON, D. "Demography as social science and policy science". *Population and Development Review*, vol. 9, n. 1, 1983, pp. 1-34.
- \_\_\_\_\_. "Ortodoxy and revisionism in American demography". *Population and Development Review*, vol. 14, n. 4, 1988, pp. 541-69.
- KNODEL, J.C. *Demographic behaviour inter-past: a study of fourteen firmar village populations in the eighteenth and nineteenth centuries*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- LAKATUS, I. "O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica". In:

- LAKATUS, I. e MUSGRAVE, A., *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*, São Paulo, Cultrix/Edusp, 1979.
- LEVINE, D. *Family formation in an age of nascent capitalism*. New York, Academic Press, 1977.
- MERTENS, W. et al. *Reflexiones teorico-metodológicas sobre investigaciones en población*. México, El Colegio de Mexico, 1982.
- MONTALI, L. e PATARRA, N.L. "Estudo da reprodução da população: anotações críticas sobre sua evolução e encaminhamento de propostas alternativas". In: CLACSO, *Reproducción de la Población y Desarrollo*, São Paulo, CLACSO, vol. 2, 1982.
- NOTESTEIN, F.W. "Population - the long view". In: SCHULTZ, T.W. (ed.), *Food for the World*, Chicago, University of Chicago Press, 1945.
- \_\_\_\_\_. "Summary of the demographic background of problems of underdeveloped areas". *Milbank Memorial Fund Quarterly*, vol. 26, n. 3, 1948, pp. 249-55.
- \_\_\_\_\_. "The reduction of human fertility as an aid to programs of economic development in densely settled agrarian regions". In: MILBANK MEMORIAL FUND, *Modernization programs in relation to human resources and population problems*, New York, 1950.
- \_\_\_\_\_. "Economic problems of population change". *Proceedings of the Eighth International Conference of Agricultural Economists*, Londres, Oxford University Press, 1953, pp. 3-31.
- \_\_\_\_\_. "The population of the world in the year 2000". *Journal of the American Statistical Association*, n. 45, pp. 335-49.
- OLIVEIRA, M.C.F.A. de. "Reprodução: união dos sexos e família". In: CLACSO, *Reproducción de la Población y Desarrollo*, São Paulo, CLACSO, vol. 2, 1982a.
- \_\_\_\_\_. "Questões demográficas no período cafeeiro em São Paulo". *Textos NEPO*, Campinas, NEPO/Unicamp, n. 1, 1982b.
- \_\_\_\_\_. "Mercantilização e urbanização em São Paulo". *Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, 1988, pp. 307-42.
- \_\_\_\_\_. "Imigração italiana para o Brasil e as cidades". *Textos NEPO*, Campinas, NEPO/Unicamp, n. 21, 1992.
- PANTELIDES, E.A. Un siglo y cuarto de la fecundidad Argentina: 1969 al presente. Trabalho apresentado no Seminar on Fertility Transition in Latin America, promovido pelo IUSSP/Celade/CENEP, Buenos Aires, 3-6 de abril, 1990.
- PATARRA, N.L. e FERREIRA, C.E.C. "Repensando a transição demográfica: formulações, críticas e perspectivas de análises". *Textos NEPO*, Campinas, NEPO/Unicamp, n. 10, 1986.
- PATARRA, N.L. e OLIVEIRA, M.C.F.A. de. "Transição, transições". *Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, 1988.
- PATARRA, N.L. e BAENINGER, R. "Família na transição demográfica: o caso de São Paulo". *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, ABEP, vol. 5, n. 2, jul.-dez., 1988.
- PATARRA, N.L. "Transición demográfica: resumen histórico o teoría de población?". *Demografía e Economía*, Mexico, vol. 7, n. 1, 1973, pp. 86-95.
- \_\_\_\_\_. *O estudo sobre reprodução humana no distrito de São Paulo: um enfoque sociológico*. Tese de doutorado, São Paulo, FAU/USP, 1976.
- \_\_\_\_\_. "Objeto e campo da demografia". In: SANTOS, J.L.F. et al., *Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise*, São Paulo, TAQ, 1980.
- \_\_\_\_\_. "Transição demográfica e família: notas para discussão". In: ANPOCS, *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, Cortez, 1985.
- SZRETER, S. "The idea of demographic transition and the study of fertility change". *Population and Development Review*, vol. 19, n. 4, dezembro, 1993, pp. 659-701.
- THOMPSON, W.S. "Population". *American Journal of Sociology*, n. 34, 1929, pp. 959-75.
- \_\_\_\_\_. *Population problems*. New York, MacGraw Hill Book Company, 1930.

- \_\_\_\_\_. *Population and place in the Pacific*. Chicago, University of Chicago Press, 1946.
- \_\_\_\_\_. *Plenty of people*. New York, Ronald Press, 1948.
- TILLY, C. (ed). *Historical studies of changing fertility*. Princeton, Princeton University Press, 1978.
- TILLY, L.A. e SCOTT, J.W. *Women, work and family*. Nova York, Holt, Rinechart e Winston, 1978.
- WRIGLEY, E.A. e SCHOFIELD, R.S. *The population history of England, 1542-1871: a reconstruction*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1981.
- ZAVALA DE COSIO, M.A. La transición demográfica en América Latina y en Europa. Trabalho apresentado no Seminar on Fertility Transition in Latin America, promovido pelo IUSSP/Celade/CENEP, Buenos Aires, 3-6 de abril, 1990.

**RESUMO - Transição demográfica: novas evidências, velhos desafios.** *O texto discute formulações a respeito da transição demográfica, contrastando as propostas elaboradas nos anos 70 com propostas recentes. Observa que o enfoque globalizador e crítico preponderante no primeiro período cedeu lugar a formulações mais segmentadas, com ampla base empírica, porém de pequeno alcance explicativo. Reforçou-se a prática das demografias específicas, com evoluções próprias, no estudo de cada componente da dinâmica populacional. Pouco se avançou também na reformulação das relações entre população e desenvolvimento econômico e social no contexto atual. Reconstruções históricas minuciosas parecem constituir um veio interpretativo promissor na recuperação da transição demográfica como teoria de população.*

**ABSTRACT - Demographic transition: new premises, old challenges.** *The text discusses formulations about the demographic transition, contrasting the proposals of the seventies with recent ones. The globalizing and critical focus prevalent in the first period gave place to more segmented formulations, with an ample empirical base, but of small explanatory range. The practice of specific demographics was reinforced, with its peculiar evolutions, in the study of each component of the populational dynamics. Little progress was also obtained in the reformulation of the relations between population and economic and social development in the present context. Detailed historical reconstructions seem to constitute a promising interpretative vein in the recuperation of demographic transition as a theory of population.*

Recebido para publicação em 20/3/94.  
Aprovado para publicação em 19/8/94.